

A BATALHA

DIARIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1.635

Quarta-feira, 26 de Março de 1924

PREÇO — 30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

TELEFONE—5339-C

Oficinas de Impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

COMÉDIAS

O mundo apresenta-nos, por vezes, o aspecto duma comédia. Os homens andam a representar perante os outros homens. A salvação da pátria serve quase sempre de pretexto para exibição de espetáculo entre o povo raro se apercebe.

O sr. Joaquim Ribeiro é um mau actor. Faz-nos lembrar certos artistas de companhias francesas, que de quando em quando nos visitam: muitos gestos, muita gritaria, muita vivacidade—e pouca arte. O sr. Joaquim Ribeiro também há tempos, da penúltima vez que foi ministro do Comércio, cantou a aria da salvaguarda da pátria, que ia arrancar o Estado das mãos da Moagem—andeu a Moagem liberada de arrancar a pele ao povo, aumentando para quanto lhe apetecesse o preço do pão.

A batata estava barata, nessa ocasião, vendia-se a sessenta centavos. Vai o sr. Joaquim Ribeiro, que é lavrador, para salvar o país, permitiu a sua exportação. Resultado: os lavradores e comerciantes exportaram a batata nacional e hoje importa-se batata estrangeira, de qualidade inferior, que o povo paga a dois escudos e meio centavos.

O sr. Joaquim Ribeiro de cada vez que vai ao poder—sempre no louvável intuito de salvar o país—favorece o comércio e a indústria em detrimento do povo consumidor.

Anteontem o sr. Joaquim Ribeiro inciou nova comédia: a falência da Moagem. Foi mal ensaiada a peça e deixou o povo mal impressionado. Entretanto o povo não deve entusiasmar-se por enquanto. Como nos romances, a vítima, a Moagem coitadina—a pobre Moagem que possui apenas com mil contos em valores—no último acto deve salvar-se e a falência não passará duma invenção de grande efeito do sr. Joaquim Ribeiro.

A Moagem fingiu que se zangou muito com as palavras do seu encarregado, respondeu-lhe energicamente em grandes comunicados. Mas não se iluda o público; nem o sr. Joaquim Ribeiro acredita na falência da Moagem, nem a Moagem está irritada por o sr. Joaquim Ribeiro a declarar falida. Tudo aquilo é finta, tudo aquilo é teatro. Os actores são bons amigos, depois de se socarem em pleno palco abraçam-se nos bastidores.

Não há falência da Moagem, há falências de carácter,

Derruiram ontem mais prédios em Lisboa—outros continuam ameaçando ruína. Avolumam-se as responsabilidades dos gaileiros e dos edis

A obra criminosa dos gaileiros continua produzindo os seus detestáveis frutos. Devido à ação das chuvas estão, em vários pontos da cidade, prédios de recente construção, desabando literalmente. Não tem havido vítimas simplesmente porque o sobressalto, o horror e a indignação causadas pela tragédia derrocada de Campolide conduziram a medidas de precaução. Lisboa está agora tomada dum grande receio e bem legítimo: o receio que os prédios desabem, destruindo-lhes as vidas e aniquilando-lhes os baveres. A tragedia de Campolide alarmou a população, que rapidamente constatou a existência de fortes razões para temer um grave incidente.

Desde os primeiros anos da guerra se estão fazendo edificações sem condições de segurança. Os melhor construídos, segundo opiniões autorizadas, não chegam a durar 20 anos. Os outros, a maioria dos construídos nesse período, não chegarão a durar 10 anos. Outros ainda tem a sua construção cortada por sucessivos desmoronamentos. Construções tóidas elas más, tóidas provisórias, feitas em condições vergonhosas. Os prédios edificados por «gaileiros» destinavam-se a venda imediata. Interesse dos «gaileiros»: construir o pior possível para lhe sair mais barato e dar, na ocasião da venda, maior margem de lucro.

Resultado de tudo isso: começaram a desabar as construções feitas desde os primeiros anos da guerra. Este ano assumiram um caráter alarmante os desabamentos. Em vários pontos da cidade estão desmoronando prédios. Para o ano ou, para o próximo inverno, o número dos desabamentos vai aumentar e oxalá não haja a lamentar outro incidente trágico como o ocorrido na travessa do Tarujo.

A cidade provisória construída no período da guerra começa a desabar. Dentro de poucos anos nada dela restará, a não ser uma recordação odiosa. Centenas de pessoas têm ficado, nestes últimos dias, privadas das suas habitações, que abateram ou estão prestes a abater.

Há, portanto, a formular contra a Câmara Municipal, uma acusação concreta e terrível. Há dez anos que, com a sua cumplicidade, se estávão construindo prédios destinados a vir abaixo; há dez anos que a sua fiscalização, junto dessas edificações, foi completamente inútil e nociva, pois nada deu de benefício e bastantes males e crimes deixou passar. Quando do desmoronamento na rua Correia Teles, em que vários operários da Construção Civil perderam a vida, realizou-se uma grande manifestação de protesto. Formularam-se contra a Câmara justas e energicas implicações. A Federação da Construção Civil interveio vivamente no caso e apresentou várias medidas tendentes a evitar que os «gaileiros» persistissem nos seus funestos desígnios. Tudo foi em vão. Agora que se deu a grande tragédia de Campolide; agora que se estão dando, por toda a cidade, consecutivas derrocadas, a Câmara Municipal ainda persistirá na sua criminosa passividade?

Provvidências! Provvidências!

Pedem-nos a publicação da seguinte carta:

«Permita-me que, novamente, e em virtude do silêncio que tem sido das entidades a quem compete resolver este assunto, visto que até à data de hoje que me conste nada se fez, e, como muito acertadamente diz o ditado «vale mais prevenir do que remediar», eu venho que se nas colunas do nosso jornal pedir providências rápidas e urgentes para o estado deplorável em que se encontra a Vila Elvira, amontoado de casas situadas na Travessa do Tarujo, a Campolide, e a poucos passos do prédio desmoronado que tantas vítimas causou.

Assim, é desejo unânime dos moradores da citada vila que, nos seja dito pelos técnicos se sim ou não a mesma está em condições seguras de poder ser habitada.

Caso esteja, deve o seu actual proprietário Augusto Ferreira Simões, ser intimado a fazer as obras que a vila necessitar com a mesma urgência que teve em aumentar as rendas aos seus inquilinos de 2500 para 50000 cada cubículo composto unicamente de três pequenas casas, e de contrário, permita o camarada que eu apresente ao Governo o alívio de todas essas famílias serem recolhidas no antigo Convento de Campolide, onde poderiam, com a vantagem de terem as suas vidas e os seus baveres mais seguros, pagar ao Estado as mesmas rendas que pagam actualmente.

Na incerteza constante do que será para nós o dia de amanhã em virtude do exemplo sucedido aos nossos infelizes vizinhos, e à má qualidade dos terrenos em que são feitas estas construções, é que não podemos nem devemos continuar.

Fique-se lá com esta, ó cidadão «simplicissimus» e não falemos mais na greve de cuja eclosão, como do seu malogro não fui causador nem culpado, greve que não traí porque não fui à reparação nem assinei o ponto nos dias que elas durou.

Fique-se lá com esta, ó cidadão «simplicissimus» e não falemos mais na greve de cuja eclosão, como do seu malogro não fui causador nem culpado, greve que não traí porque não fui à reparação nem assinei o ponto nos dias que elas durou.

Fique-se lá com esta, ó cidadão «simplicissimus» e não falemos mais na greve de cuja eclosão, como do seu malogro não fui causador nem culpado, greve que não traí porque não fui à reparação nem assinei o ponto nos dias que elas durou.

Fique-se lá com esta, ó cidadão «simplicissimus» e não falemos mais na greve de cuja eclosão, como do seu malogro não fui causador nem culpado, greve que não traí porque não fui à reparação nem assinei o ponto nos dias que elas durou.

Fique-se lá com esta, ó cidadão «simplicissimus» e não falemos mais na greve de cuja eclosão, como do seu malogro não fui causador nem culpado, greve que não traí porque não fui à reparação nem assinei o ponto nos dias que elas durou.

Fique-se lá com esta, ó cidadão «simplicissimus» e não falemos mais na greve de cuja eclosão, como do seu malogro não fui causador nem culpado, greve que não traí porque não fui à reparação nem assinei o ponto nos dias que elas durou.

Fique-se lá com esta, ó cidadão «simplicissimus» e não falemos mais na greve de cuja eclosão, como do seu malogro não fui causador nem culpado, greve que não traí porque não fui à reparação nem assinei o ponto nos dias que elas durou.

Fique-se lá com esta, ó cidadão «simplicissimus» e não falemos mais na greve de cuja eclosão, como do seu malogro não fui causador nem culpado, greve que não traí porque não fui à reparação nem assinei o ponto nos dias que elas durou.

Fique-se lá com esta, ó cidadão «simplicissimus» e não falemos mais na greve de cuja eclosão, como do seu malogro não fui causador nem culpado, greve que não traí porque não fui à reparação nem assinei o ponto nos dias que elas durou.

Fique-se lá com esta, ó cidadão «simplicissimus» e não falemos mais na greve de cuja eclosão, como do seu malogro não fui causador nem culpado, greve que não traí porque não fui à reparação nem assinei o ponto nos dias que elas durou.

Fique-se lá com esta, ó cidadão «simplicissimus» e não falemos mais na greve de cuja eclosão, como do seu malogro não fui causador nem culpado, greve que não traí porque não fui à reparação nem assinei o ponto nos dias que elas durou.

Fique-se lá com esta, ó cidadão «simplicissimus» e não falemos mais na greve de cuja eclosão, como do seu malogro não fui causador nem culpado, greve que não traí porque não fui à reparação nem assinei o ponto nos dias que elas durou.

Fique-se lá com esta, ó cidadão «simplicissimus» e não falemos mais na greve de cuja eclosão, como do seu malogro não fui causador nem culpado, greve que não traí porque não fui à reparação nem assinei o ponto nos dias que elas durou.

Fique-se lá com esta, ó cidadão «simplicissimus» e não falemos mais na greve de cuja eclosão, como do seu malogro não fui causador nem culpado, greve que não traí porque não fui à reparação nem assinei o ponto nos dias que elas durou.

Fique-se lá com esta, ó cidadão «simplicissimus» e não falemos mais na greve de cuja eclosão, como do seu malogro não fui causador nem culpado, greve que não traí porque não fui à reparação nem assinei o ponto nos dias que elas durou.

Fique-se lá com esta, ó cidadão «simplicissimus» e não falemos mais na greve de cuja eclosão, como do seu malogro não fui causador nem culpado, greve que não traí porque não fui à reparação nem assinei o ponto nos dias que elas durou.

Fique-se lá com esta, ó cidadão «simplicissimus» e não falemos mais na greve de cuja eclosão, como do seu malogro não fui causador nem culpado, greve que não traí porque não fui à reparação nem assinei o ponto nos dias que elas durou.

Fique-se lá com esta, ó cidadão «simplicissimus» e não falemos mais na greve de cuja eclosão, como do seu malogro não fui causador nem culpado, greve que não traí porque não fui à reparação nem assinei o ponto nos dias que elas durou.

Fique-se lá com esta, ó cidadão «simplicissimus» e não falemos mais na greve de cuja eclosão, como do seu malogro não fui causador nem culpado, greve que não traí porque não fui à reparação nem assinei o ponto nos dias que elas durou.

Fique-se lá com esta, ó cidadão «simplicissimus» e não falemos mais na greve de cuja eclosão, como do seu malogro não fui causador nem culpado, greve que não traí porque não fui à reparação nem assinei o ponto nos dias que elas durou.

Fique-se lá com esta, ó cidadão «simplicissimus» e não falemos mais na greve de cuja eclosão, como do seu malogro não fui causador nem culpado, greve que não traí porque não fui à reparação nem assinei o ponto nos dias que elas durou.

Fique-se lá com esta, ó cidadão «simplicissimus» e não falemos mais na greve de cuja eclosão, como do seu malogro não fui causador nem culpado, greve que não traí porque não fui à reparação nem assinei o ponto nos dias que elas durou.

Fique-se lá com esta, ó cidadão «simplicissimus» e não falemos mais na greve de cuja eclosão, como do seu malogro não fui causador nem culpado, greve que não traí porque não fui à reparação nem assinei o ponto nos dias que elas durou.

Fique-se lá com esta, ó cidadão «simplicissimus» e não falemos mais na greve de cuja eclosão, como do seu malogro não fui causador nem culpado, greve que não traí porque não fui à reparação nem assinei o ponto nos dias que elas durou.

Fique-se lá com esta, ó cidadão «simplicissimus» e não falemos mais na greve de cuja eclosão, como do seu malogro não fui causador nem culpado, greve que não traí porque não fui à reparação nem assinei o ponto nos dias que elas durou.

Fique-se lá com esta, ó cidadão «simplicissimus» e não falemos mais na greve de cuja eclosão, como do seu malogro não fui causador nem culpado, greve que não traí porque não fui à reparação nem assinei o ponto nos dias que elas durou.

Fique-se lá com esta, ó cidadão «simplicissimus» e não falemos mais na greve de cuja eclosão, como do seu malogro não fui causador nem culpado, greve que não traí porque não fui à reparação nem assinei o ponto nos dias que elas durou.

Fique-se lá com esta, ó cidadão «simplicissimus» e não falemos mais na greve de cuja eclosão, como do seu malogro não fui causador nem culpado, greve que não traí porque não fui à reparação nem assinei o ponto nos dias que elas durou.

Fique-se lá com esta, ó cidadão «simplicissimus» e não falemos mais na greve de cuja eclosão, como do seu malogro não fui causador nem culpado, greve que não traí porque não fui à reparação nem assinei o ponto nos dias que elas durou.

Fique-se lá com esta, ó cidadão «simplicissimus» e não falemos mais na greve de cuja eclosão, como do seu malogro não fui causador nem culpado, greve que não traí porque não fui à reparação nem assinei o ponto nos dias que elas durou.

Fique-se lá com esta, ó cidadão «simplicissimus» e não falemos mais na greve de cuja eclosão, como do seu malogro não fui causador nem culpado, greve que não traí porque não fui à reparação nem assinei o ponto nos dias que elas durou.

Fique-se lá com esta, ó cidadão «simplicissimus» e não falemos mais na greve de cuja eclosão, como do seu malogro não fui causador nem culpado, greve que não traí porque não fui à reparação nem assinei o ponto nos dias que elas durou.

Fique-se lá com esta, ó cidadão «simplicissimus» e não falemos mais na greve de cuja eclosão, como do seu malogro não fui causador nem culpado, greve que não traí porque não fui à reparação nem assinei o ponto nos dias que elas durou.

Fique-se lá com esta, ó cidadão «simplicissimus» e não falemos mais na greve de cuja eclosão, como do seu malogro não fui causador nem culpado, greve que não traí porque não fui à reparação nem assinei o ponto nos dias que elas durou.

Fique-se lá com esta, ó cidadão «simplicissimus» e não falemos mais na greve de cuja eclosão, como do seu malogro não fui causador nem culpado, greve que não traí porque não fui à reparação nem assinei o ponto nos dias que elas durou.

Fique-se lá com esta, ó cidadão «simplicissimus» e não falemos mais na greve de cuja eclosão, como do seu malogro não fui causador nem culpado, greve que não traí porque não fui à reparação nem assinei o ponto nos dias que elas durou.

Fique-se lá com esta, ó cidadão «simplicissimus» e não falemos mais na greve de cuja eclosão, como do seu malogro não fui causador nem culpado, greve que não traí porque não fui à reparação nem assinei o ponto nos dias que elas durou.

Fique-se lá com esta, ó cidadão «simplicissimus» e não falemos mais na greve de cuja eclosão, como do seu malogro não fui causador nem culpado, greve que não traí porque não fui à reparação nem assinei o ponto nos dias que elas durou.

Fique-se lá com esta, ó cidadão «simplicissimus» e não falemos mais na greve de cuja eclosão, como do seu malogro não fui causador nem culpado, greve que não traí porque não fui à reparação nem assinei o ponto nos dias que elas durou.

Fique-se lá com esta, ó cidadão «simplicissimus» e não falemos mais na greve de cuja eclosão, como do seu malogro não fui causador nem culpado, greve que não traí porque não fui à reparação nem assinei o ponto nos dias que elas durou.

Fique-se lá com esta, ó cidadão «simplicissimus» e não falemos mais na greve de cuja eclosão, como do seu malogro não fui causador nem culpado, greve que não traí porque não fui à reparação nem assinei o ponto nos dias que elas durou.

Fique-se lá com esta, ó cidadão «simplicissimus» e não falemos mais na greve de cuja eclosão, como do seu malogro não fui causador nem culpado, greve que não traí porque não fui à reparação nem assinei o ponto nos dias que elas durou.

Galeria dos "amarelos" do funcionalismo

"Amarelo" como jornalista, "amarelo" e parasita como funcionário

Recebemos a seguinte carta que passamos a publicar, e que revela mais um "amarelo" da última greve do funcionalismo que cabe bem na "galeria".

Camarada redactor—A propósito da greve do funcionalismo, a que o seu jornal largamente se veu referindo, especialmente no que diz respeito aos amarelos, venho recomendar a v. e aos seus leitores mais um jornalista-burocrata, daqueles que, nada produzindo do Estado, dele recebem, todavia, vencimentos, com a agravante de previdarem a solidariedade da classe nos seus legítimos movimentos de protesto.

Trata-se do sr. João Rodrigues Consulado, ex-diretor da Imprensa Nacional de Loanda, e actualmente assilado na Metrópole com a categoria de 1.º oficial chefe de Secção do Ministério das Colónias, onde não pôe os pés. Pois este robiano e sonoro cavaleiro, que em 1921 frouxo igrabilmente a greve dos trabalhadores da imprensa, entrando para o Século quando os camaradas dignos o abandonavam, permitiu-se, num dos dias da greve dos funcionários públicos, pregar às massas dizendo que o funcionalismo estava sendo agido por um poder oculto, que tanto o podia ser a C. G. T. como a alta finanças!!

Creio, prezado camarada e redactor, não ser preciso mais para realçar o topo desse zeloso funcionalista e diligente redactor do Século, o segundo órgão das forças vivas que tam desinteressadamente tocou o bordão do patriotismo no recente e justo movimento dos funcionários públicos.

Pode, portanto, A Batalha enfileirar mais este parasita-jornalista na galeria dos amarelos, na certeza, porém, que não será ainda o último...

De v. etc., etc., Júlio Núñez.

Mais alguns para a lista

João Joaquim da Costa Azevedo 1.º Oficial da Contabilidade Pública.

Funcionário com muita "acidez" (termo seu) mas com pouca assiduidade muito pouco zéle.

Entrou para a burocracia em 1916, sem concurso, tendo sido promovido sempre, sem concurso. Não sabe somar e o tempo que está Repartição é quase todo sendo assim consumido em passar atestados de republicano a tratar de pretensões estranhas ao seu lugar.

E é o único trabalho que presta pelo qual o Estado lhe paga mensalmente 78750.

De particular recebe também a remuneração do trabalho prestado entre o qual avulta a isenção de serviço militar a diversos mancebos a ele sujeitos.

Para avaliar da competência deste funcionário só bastará lembrárnos-nos que uma vez que houve necessidade de o transferir da Repartição nenhum chefe o quis para a sua, pelo que acordaram entre si, rílalo e carregaram com ele aquele quem o "bicho" saiu.

A Cordoaria vai ser extinta?

Uma carta do respectivo pessoal sobre as causas do "deficit" da fábrica

Do pessoal da Fábrica Nacional de Cordoaria, recebemos a seguinte carta:

Camarada redactor de A Batalha, O pessoal da Fábrica Nacional de Cordoaria, informado como a notícia há dias publicada na imprensa diária, sobre a provável extinção da mesma fábrica, como inútil e perniciosa para o Estado, alegando-se que ela dã um "deficit" considerável, vem perentoriamente e publicamente declarar que a causa principal desse "deficit" está no facto de os conselhos administrativos das diferentes unidades se abastecerem na indústria particular dos diversos artefactos que a Cordoaria produz, isto enquanto tem díngue referente à dotação que lhes é estipulada, e, se esta acaba, algumas vezes antes do tempo devido, só então recorrem ao crédito aberto na fábrica, requisitando ainda assim o menos possível, disto resultando que o pessoal tem crise de trabalho porque não há requisições.

Já por vezes, comissões de operários tem reclamado provisões para que a produção se intensifique, e até às instâncias superiores se reclamou no mesmo sentido, sem grande resultado.

Como até à data ainda se não proverdenciou para que termine este estado de coisas, o pessoal está convencido de que "apagou no deserto", e, para que de futuro se não possa acusá-lo de não querer trabalhar e atribuir ao seu desleixo a sua perda, cito para exemplo o período da guerra, em que trabalhou de dia e de noite sem desfalcamentos, recebendo louvores em ordem do dia pela sua dedicação.

Prova-se assim, que continuaria a trabalhar com a mesma vontade, e a fábrica com certeza não daria "deficit" se provisões fossem tomadas como é o seu desejo.

E' com profunda mágoa que o pessoal faz essa declaração, antes que alguma malvolentemente se lembre, para encobrir certas falhas, de lhe lançar o laço de mandrágora, que de forma alguma merece. — O pessoal da Fábrica Nacional de Cordoaria.

Trabalhadores, leia e propagai o Sulemento de A Batalha

Os efeitos do álcool

Uma sexagenária brutalmente agredida pelo marido

No lugar da Carreira Nova, concelho de Maia, reside Ana do Rosário, de 65 anos, casada com José Pereira, de 67 anos, que em tempos exerce a profissão de trabalhador do campo.

Tem o Pereira por hábito embriagar-se e sempre que se encontra ebrio quer lhe embrigar com a mulher e agredi-la.

Ontem foi um dos dias que isto se repetiu, pois que o Pereira, chegando a casa embriagado, teve por um fútil motivo uma discussão com o mulher, acabando por pegar numa enxada que se encontrava próximo e com ela agredir Ana fazendo-lhe um grande ferimento no rosto.

Socorrida na localidade veio depois para Lisboa, sendo conduzida ao hospital da São José num automóvel da Cruz Vermelha e recolhendo depois de operada no Banco pelos drs. srs. Santos Paiva e Luís Ottolini à enfermaria Lourenço da Luz, pelas 20 horas.

INGLESES ...

Original de LORJÓ TAVARES

TEATRO
ELEFONE

Amanhã
1.ª representação
das peças

NACIONAL
ORTE 3049

A Irmã Cruz de Guerra

Original de CARLOS A. FERREIRA

AS GREVES

Vida Sindical

Gráficos das Casas de Obras

NOTA OFICIOSA

Maniém-se ainda sem solução, a greve na Tipografia Maurício.

Tendo esta comissão conhecimento que parte do pessoal desta oficina está empregado, e na disposição de não voltar a ir para ali trabalhar, convidam-se esses camaradas a virem ao sindicato declarar se desistem dos seus antigos lugares, afim de orientar esta comissão de secretários gerais.

U. S. O. Conselho de delegados

Reúne hoje, pelas 21 horas, o conselho de delegados para aceitação de novos delegados, leitura do parecer da comissão revisora de contas e outros trabalhos.

C. G. T. Comité confederal

Reúne hoje, pelas 21 horas,

Secção de federações
Reúne amanhã, pelas 21 horas, a comissão organizadora da conferência de secretários gerais.

COMUNICAÇÕES

Federação Marítima.—Reúniu o conselho federal para tratar de diversos assuntos referentes à organização marítima, tomando conhecimento dos resultados dos seguintes sindicatos: Marítimos de Barcos, Frateiros de Portimão, União dos Marítimos de Olhão, Descarregadores da Vila do Carregado e Descarregadores de Vila Franca de Xira, os quais, imediatamente aderiram à Federação e C. G. T.

A comissão administrativa previne os sindicatos aderentes de que devem resguardar no mais curto espaço de tempo o expediente confederal.

Trabalhadores dos Armazéns de Vinhos.—Reúnem em assembleia geral afim de apreciar e resolver sobre a sua situação moral e económica. Após aturada e meticolosa discussão foi nomeada uma Comissão afim de dar inicio a uma série de trabalhos tendentes a levantar o nível moral e económico da classe.

Ficou também resolvido regular imediatamente a situação da classe perante a Federação, C. G. T. e U. S. O., devendo no próximo domingo realizar-se uma sessão de propaganda na sua sede com a presença dos delegados destes organismos.

Deve ainda esta semana ser distribuído um manifesto elucidativo para a classe.

Impressores Tipográficos—Reúnem ontem a direcção, entre outros assuntos apreciou um ofício do Núcleo de Guimarães, resolvendo contribuir com 5000, para os gráficos em greve naquela cidade, e convidar os delegados a U. S. O., a comparecerem ao próximo conselho de delegados, afim de tomarem posse.

Pessoal dos Correios e Telégrafos—Reúnio ontem na sede em assembleia magna para eleger dois delegados para a representar na Comissão de reorganização dos Serviços. Foram eleitos, por maioria, Manuel Marques Pimenta e Domingos Alberto Agostinho da Silva.

FEDERAÇÕES

Convite
A firma Barroso, Antunes & Soares, Lda., participa aos seus amigos e clientes que brevemente abrirá o seu estabelecimento na Rua dos Fanqueiros, 277, 1.º, Esq.

Interesses de classe

Aos operários litógrafos e anexos

O indiferentismo que lava na classe obriga a comissão administrativa da Associação dos Litógrafos e Anexos a vir dizer aos respetivos operários quanto é prejudicial a sua atitude, pois não dão ao sindicato aquele esforço que é indispensável para se impôr e conseguir o que de direito lhes pertence.

Não é só pagando a sua cota semanal que o operário marca a sua qualidade consciente; também quando se efectua uma assembleia geral é necessária a sua comparsaria, para que aqueles que se encontram à frente do sindicato tenham a força indispensável para reclamar aos industriais que é de justiça.

Nos tempos que vão decorrendo, em que os salários que auferimos não chegam para fazer face à sempre crescente subida de todos os artigos essenciais à vida, devido à criminoso cumprimento dos governos ligados aos moageiros e assambucadores, já não será criminoso negarmos ao nosso organismo a força de que é necessária.

Nos tempos que vão decorrendo, em que os salários que auferimos não chegam para fazer face à sempre crescente subida de todos os artigos essenciais à vida, devido à criminoso cumprimento dos governos ligados aos moageiros e assambucadores, já não será criminoso negarmos ao nosso organismo a força de que é necessária.

Não devemos só interessar-nos pelas questões de carácter económico, mas também conseguir melhorar as nossas condições de trabalho, visto estar provado que as actuais são as piores partindo da saúde das daqueles que labutam na indústria, especialmente o operário, a quem devemos dispensar algum carinho e protecção.

Outra questão que não podemos esquecer é a da mulher na indústria.

Embora a sua maioria esteja sindicada, temos o dever de a preparar para que saiba o papel que tem a desempenhar no futuro, de maneira a não ser agora a escrava do patronato e do homem, como hoje temos ocasião de verificar.

As mulheres devem também comparecer nas assembleias e tomar parte nos seus trabalhos, como um valor social que são.

Algumas militantes da classe, que têm trabalhado com muito bom vontade, não sabem porque razões tem deixado de prestar o seu concerto.

Espera a comissão administrativa do Sindicato dos Litógrafos.

CONVOCATÓRIA

Reúne amanhã, às 10 horas, a comissão administrativa do Sindicato dos Litógrafos e Anexos.

SEÇÃO TELEGRÁFICA

C. G. T.

Texte da Covilhã—Queiram responder com toda a brevidade, ao postal por nós enviado.

FEDERAÇÕES

MOBILIARIA

Sindicato de Faro—Recebemos ofício e dinheiro. Segue ofício e recibo.

Sindicato de Braga—Recebemos ofício.

Sindicato de Coimbra—Recebemos ofício. Aguardamos informes sobre a reconstituição.

Sindicato do Porto—Recebemos ofício, segue expediente e ofício.

CONSTRUÇÃO CIVIL

Sindicato do Porto—O Conselho Ju

reitor responderá ao vosco ofício.

METALURGICA

Pórtico—Lucrício Oceano—Recebe

mos, esta semana, o que tiveres.

Peniche—Recebemos ofício; enviem com urgência os trabalhos que dizem.

Abrantes—Recebemos ofício; enviamos ofício.

Torres Novas—Recebemos ofício;

seguiu o delegado.

Portalegre—Enviamos resposta à nossa circular.

Sindicato de Lagos—Recebe

mos vale de..... 4600\$00

Sindicato de Peniche—Recebe

mos vale de..... 120\$00

Sindicato de Abrantes—Recebe

mos vale de..... 114\$00

Sindicato do Porto e Ajustrel—Re

cebemos ofício.

CONFERÊNCIAS

Escola Industrial de Fonseca

Benedicto

Promovida pela Liga de Instrução e Educação dessa Escola, realizá amanhã, pelas 21 horas, uma conferência o sr. dr. João Couto, professor do Liceu de Pedro Nunes, versando o seguinte tema: (a) Coimbra: A paisagem, os monumentos, os museus.

(b) O professor Antônio Augusto Gonçalves e o ciclo moderno da arte coimbrã.

DESAPARECIDO

Desapareceu de casa, no dia 9 de

corrente, o menor de 14 anos, Antônio Gomes Fernandes. Sali com calças de cotim castanho, às riscas, casaco castanho aberto atrás, camisa cinzenta e descalço. Tem olhos castanhos claros, rosto comprido e um pequeno sinal preto no pescoco.

A família pede a quem o encontrar

que o entregue na rua Moraes Soares, 153, cave, ou à polícia, que já está avisada.

Chapéu de chuma levado por engano

Quirino Fernandes pede a quem por

engano levou um chapéu de chuma,

por ocasião da festa realizada em Tires

CRONICA DO PORTO

A grande crise corticeira

A questão das águas e da luta

PORTO, 23.—A Associação dos Comerciantes acaba de entregar à ilustre Câmara Municipal uma extensa representação sobre os problemas da energia eléctrica e do fornecimento das águas, além dos impostos onerosos sobre as tabuletas.

Nessa representação, verifica-se que nós não somos assim tão más línguas: Tudo que a tal respeito temos dito, é confirmado agora pela colectividade acima referida...

Afirmamos que não havia razão alguma para que nos asseverassem que a questão das águas estava solucionada;

garantimos que em multíssimas partes

a cidade aquele combustível líquido

não existia, sendo um grande prejuízo e um grande perigo para a

população citadina; tivemos a ousadia

de lembrar que a Companhia das Águas,

com o consentimento da Câmara, di-

ficilmente acesa, a sua população, poi-

que, vivendo-se numa época de an-

to que a abundância de águas é

manifesta, cidade encontra-se, n-

entanto, desprovida das mesmas, em

várias ruas, pelas má canalização exis-

tente ou pelo desleixo da Companhia

sem que a ex.ª Câmara a obrigue a

cumprimento das suas obrigações.

Esta falta, sabem-no bem v. ex.ª

pode dum momento para o outro re-

dendar numa verdadeira calamidade

que se deve evitar...

Ora o que sucede com o contador das

água, acontece com o contador da

energia eléctrica, pelos quais, a despeito

dos grandes depósitos a que se é for-

çado desembolsar, ainda é preciso em-

penhos políticos ou pessoais para ad-

quirir... Sem isso—não há contadores

Dizemos também que se a Camar-

fóise de facto uma legitima defensora

dos municípios, como nos antigos sis-

temas municipalistas, ela envidaria todo

os seus esforços no sentido de dar as

maiores facilidades para que todos os

habitantes tivessem luzem condições e

preços modestos... Reafirmos mesmo

que não havia motivos para se elevar o

custo a que se elevou, visto que

que a Câmara lhe imponha a obriga-

ção de ceder os ditos contadores sem

outro encargo que não seja alugar

correspondente—até a que se tem

deixado assim uma porta aberta para

verdadeiros abusos por parte, se não

da referida empresa, pelo menos do

pessoal ao seu serviço, que tem au-

ferido da distribuição de contadores

provocados abusivos e inadmissíveis e

que representam uma verdadeira im-

As deficiências da rede ferroviária portuguesa — causadoras de milhares de desgraças

PORTO, 24.—A primavera surgiu-nos

sado em substituição da requisição de

Março de 1923, que fôr extraída.

Até hoje... ainda não foi possível con-

seguir uma simples viagem, mesmo

daquelas vindas da Alemanha por conta

de reparações...

A Empresa de Cortiças, Limitada tem

feito requisições para a estação de Tramagal.

Mas como a pobreza franciscana

comercial e industrial, já ninguém ge-

meu o peso da carestia da vida.

A ordem reina, «definitivamente», nas

rúas e nos espiritos...

As autoridades administrativas po-

diam aproveitar-se desta aberta do tem-

po social, desta estiagem que vai pelos

níveis indiferentes, e cuidar agora

ainda um pouco dessa falta de transpor-

tos que atirou a classe dos operários

para uma desastrosa crise.

João Imperador adivinhou o que se

seguia: «é a vez da requisição das

tabuletas...»

A firma João M. de Barros tem em

Ponte de Sôr 130.000 quilos de corti-

cas.

Apesar de requisitar o devido mate-

rial para a sua remoção para Gaia,

desde Novembro finto que espera v-

ir na penumbra dos engaves qual-

quer sacata achada, por acaso, nos de-

pósito de material. Como já comprou

mais cortiça, esta depois de pesada vai

juntar-se aos 130.000 quilos que jazem

em Ponte de Sôr...

Para esta mesma localidade, F. Or-

val & C., Ltd. requisitaram três ve-

ículos—1 em Maio do ano fino e 2 em

Dezembro último... Fora da barra...

ferroviária, tudo nebuloso, nada se

consegue apurar...

Logo que paga a tarifa do depósito,

que tem os caminhos de ferro com

isso? Assim, as estações constituem ago-

ra mercado, onde se operam as mais

vergonhosas negociações... Desfarte,

muitas mercadorias depositadas nas es-

tações de Campanha e Devezas con-

cedem, antes de seu desembarque, vários

possuidores... Destarte, encontrase

um maior material ferroviário empata-

do, porque, repetimos, há uma certa ordem

de negociantes milicianos que, não ten-

do estabelecimento, consideram os cais

ferroviários seus armazéns... De-

ixam-nos, para os armazéns... De-

ixam-nos

